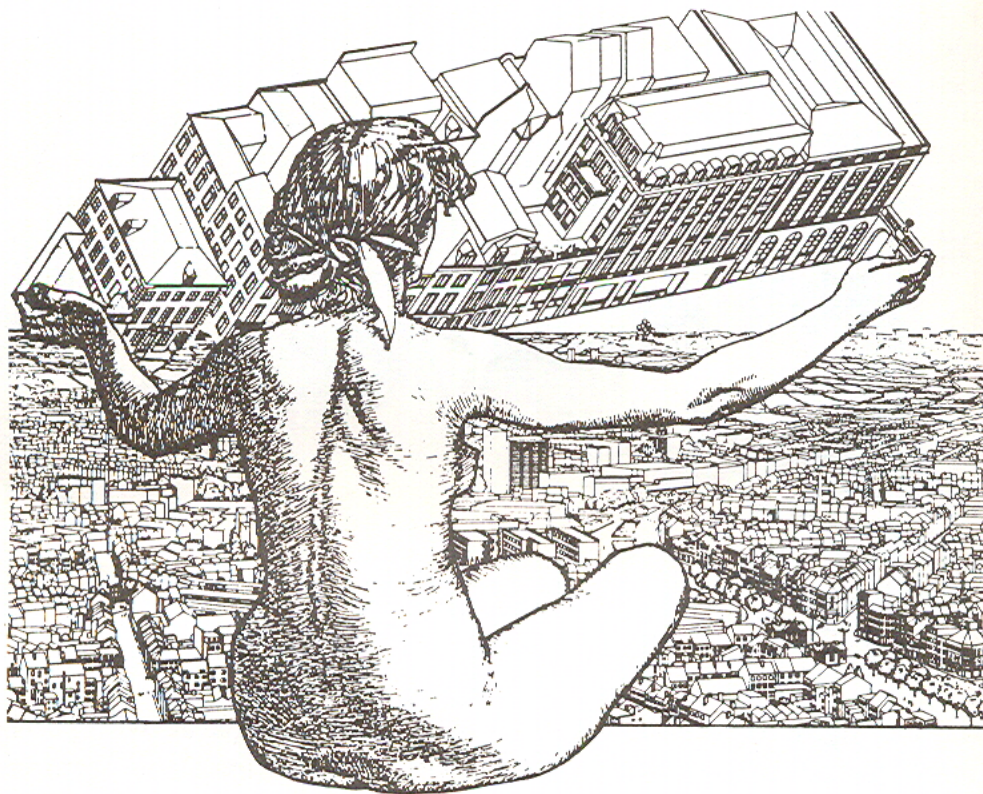


de todas as linguagens



fotos cedidas pelo arq. Silvío Abreu

fragmento urbano, affiche da "École Urbaine", Bruxelas

"A cidade é uma armadilha Só este posto te espera"...

K. Kavafis

Como conceber a cidade possível para este final de século?

Da diversidade de respostas e abordagens apenas a certeza de que a cidade possível, do futuro, se constrói no presente mas se escreve também de passado. Desde a antiguidade, quando o sagrado e a religião eram os grandes ordenadores do espaço humano, a cidade persegue o homem.

Se de lá para cá muita água rolou, é bom lembrar que a atmosfera de prisão do feudalismo se rompeu sob um apelo mais forte: "o ar da cidade torna o homem livre", garantia o provérbio alemão. Contudo, somente depois do século XIX, o discurso do espaço enuncia suas pretensões científicas, segundo François Choay.

Inúmeras análises e propostas são elaboradas para a organização dos espaços, mas coube ao urbanismo moderno,

subscrito na Carta de Atenas, nos idos da década de 30, o status de modelo hegemônico na produção do espaço. A racionalização do uso dos espaços pretende varrer o caos e a desordem reinantes na cidade pré-industrial.

Mais uma vez, o caos. Que hoje salta das telas em filmes "dark", tendo como pano de fundo o retrato da cidade contemporânea, uma composição que "realça o dramatismo e a melancolia das ruínas", como nota o filósofo Nelson Brissac Peixoto. Que é anunciado e vendido em manchetes de jornais. Mas que não preocupa nem um pouco ao arquiteto Carlos Nelson dos Santos, um apaixonado pela cidade. (Ver página 60)

"uma tradição moralista nos acompanha"

A ideologia do caos ligada à previsão apocalíptica está em toda parte. Mas Carlos Nelson admite que, embora possa até parecer progressista, esta é uma visão reacionária: a cidade "mãe dos vícios" aparece no livro dos profetas, produto da

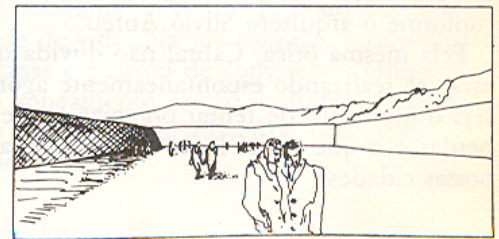
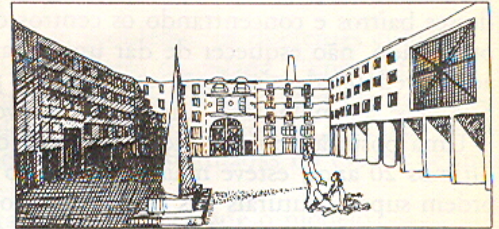
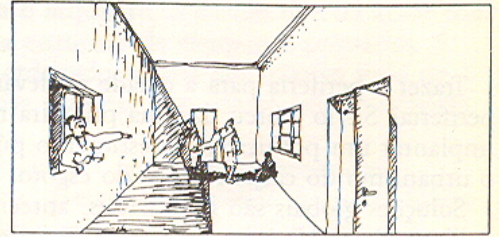
de um povo nômade que tinha medo e horror da... Essa tradição moralista nos acompanha, sintetiza. o exemplo do povo americano, cujo país nasceu do de reconstrução da vida, da criação de um novo mundo, ando a construção da primeira civilização totalmente a do mundo. Um ideal que se traduziu em cidades listas e antiurbanas, que frutificaram no século passado. entaram uma cidade onde as pessoas fingem viver numa al: a falsa garden city, que não é uma city, é só garden, qua o arquiteto para lembrar: destruíram assim a

um potencial de respostas e a possibilidade de um futuro melhor. Questionando a idéia do caos, o professor da Faculdade de Arquitetura da UFRS salienta que o país vive um processo de criação dos mecanismos para a instauração de uma nova ordem urbana, diferente da cidade luso-brasileira herdada.

O rompimento desse processo traz consigo características de desorganização, resultantes de processos de desenvolvimento econômico, concentração de renda etc. Não se trata, portanto, do caos aleatório, reconhece o arquiteto. Admite ainda que a



Le Corbusier, Plain Voisin, Paris, 1925



R. Krier, escalas de espaços públicos

variabilidade, a mistura, o caos positivo, a existência de enças que se trocam, requisitos básicos da cidade. mente, são um país com 95% da população vivendo em ente urbano, sonhando que não estão lá. o lado de cá, em terras tropicais, há 100 anos as cidades em em ritmo acelerado, abrigando gente doida para se de do bucolismo. Para Carlos Nelson, a maioria dos antes urbanos brasileiros não embarcam nesta poética de ao bucólico. Mesmo porque o campo sempre foi lugar pressão e trabalho servil. cidade é o seu contrário. Aparece então como o lugar as pessoas vivem como se não trabalhassem. E é ade, atesta o arquiteto, porque vivem de trocas, vivem na O movimento existe na cidade e a festa se faz no ntro de muita gente sem que o homem precise se ar a toda hora, conclui.

NOVA ordem urbana”

nada adianta assumir posições anticidade, corrobora o reto Silvio Abreu, pois no dinamismo da cidade reside

própria cidade enuncia respostas que a transformará em instrumento efetivo de desenvolvimento do território brasileiro, já polarizado urbanamente.

Respostas que implicam ainda infra-estrutura e rede de serviços urbanos que demandam uma certa concentração, comenta por sua vez o professor Gilberto Cabral. E emenda, “estender esses benefícios ao campo impõe custos insuportáveis para o Brasil”.

Mas ressalta que enquanto os estratos sócio-econômicos intermediários ao lado das elites denunciam a perda da qualidade de vida nas cidades, para as grandes massas a cidade ainda é a única possibilidade de dispor de serviços, mesmo que precários.

Ao rebater na tecla da infra-estrutura, Cabral adianta que a questão mais urgente de desenho urbano e de investimento público recai no âmbito sócio-econômico de elevar a qualidade de vida de 90 milhões de brasileiros. Um problema muito maior que a cidade em si, admite.

Falar em problemas urbanos para Carlos Nelson começa por facilitar o acesso à terra a essa legião de migrantes que diariamente aporta na cidade. Aliada a essa decisão, a

BRASIL

preferência declarada pelo transporte de massa. "São minhas duas chaves para o sucesso".

O arquiteto Gilberto Cabral também está convencido de que nossa cidade demanda com urgência o transporte de massa para articular, no plano do desenho urbano, duas temáticas opostas mais dialeticamente ligadas: o centro e a periferia.

"Não existe outra terra, meu amigo... a cidade irá atrás de ti..."

K. Kavafis

Traz a periferia para a cidade ou levar a cidade até a periferia? Sílvio Abreu dá uma primeira resposta: é preciso implantar uma política de investimento público que privilegie o urbanismo do calçamento e do esgoto.

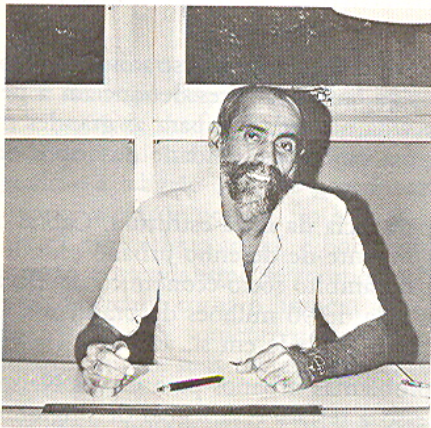
Soluções globais são impossíveis, antecipa o arquiteto Adilson Costa Macedo, para quem é "urgente atacar os problemas da periferia ordenando algumas áreas centrais desses bairros e concentrando os centros de serviços". Por outro lado, não esquecer de dar um tratamento de choque aos corredores de circulação que ligam a periferia ao centro, que deve ser melhorado através de intervenções pontuais.

Uma postura de redefinição do papel do arquiteto que, nos últimos 20 anos, esteve mais concentrado nos problemas de ordem superestruturais das cidades. "Não devemos fugir do nosso problema, a cidade também é um problema espacial, um receptáculo físico onde se dão as relações sociais", conforme o arquiteto Sílvio Abreu.

Pela mesma ótica, Cabral não duvida que "nossas cidades estão se realizando espontaneamente agora". E conclui: talvez seja o momento de tentar organizá-la. Se as gerações futuras herdarão o que se faz hoje, que estruturas físicas propor para nossas cidades?

"a obra coletiva"

Pensar em intervenções urbanas daqui para frente é checar o modelo tradicional, adotado nos últimos 50 anos, sugere Sílvio Abreu. Já Adilson Costa Macedo, identificando o período de mudanças nos conceitos da Arquitetura, entende o



carlos nelson



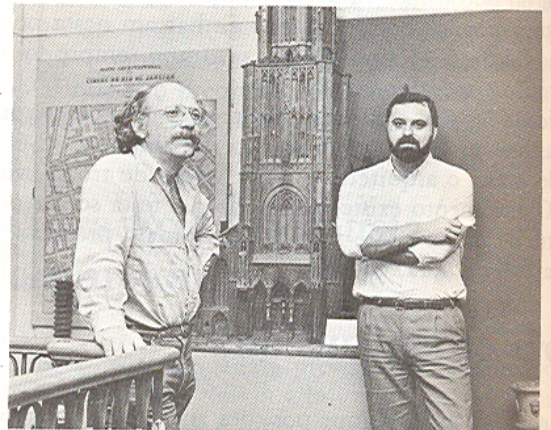
convivência de sucessivas gerações edilícias



cada novo código ignora os anteriores

desenho urbano como um processo, uma política de construir a cidade no tempo.

Cada vez se valoriza com mais ênfase o espaço, tomado como uma medida importante para a melhoria da qualidade de vida. Para Gilberto Cabral "a questão da forma urbana



gilberto cabral e sílvio abreu



fração infinitesimal da cidade e cinco códigos

que ser retomada de maneira intensiva, porque o espaço fundamental até na formação da inteligência como estruturaram os estudos de Piaget". Assim, acredita que o controle das formas urbanas deve ser fundamentar em bases científicas e em propostas que iniciam "reavivar a questão do projeto, do projetar para a frente, o desenho entendido enquanto desígnio. Instrumentos que possam ser discutidos pela população".

Lembra ainda que a cidade não necessita ter uma forma primária como defendiam as práticas correntes do zoneamento e da arquitetura moderna. Para ele, as cidades mais intrigantes e interessantes são verdadeiras colagens, cujo conjunto não se compõe apenas das somas de suas partes mas de uma grande síntese.

Uma obra coletiva ao longo do tempo, arremata Silvio Abreu. Ou uma cidade mais pluralista como defende Cabral? Ambos admitem que esse tipo de forma urbana será estabilizado através de uma estrutura ordenadora, vinculada ao espaço público, ao sistema viário e ao sistema de espaços certos nas cidades.

Inserir o Brasil no debate arquitetônico atual, reivindica Silvio Abreu. Entre as contribuições internacionais, o

arquiteto invoca a distinção que Aldo Rossi faz entre estrutura de elementos primários da cidade e tecido residencial.

Citando Rossi, salienta que a estrutura primária ordenadora não funciona apenas em termos de legitimidade do ambiente urbano e da estrutura formal da cidade. É importante na medida em que ordena as funções do espaço público, promove o uso da cidade pela população e a mobilidade das pessoas, além de criar novas funções para os espaços.

A atuação do Estado no desenho urbano também deve ser modificada, destaca Silvio Abreu. Dessa forma, combate a orientação atual do Estado que consiste em legislar sobre o espaço privado e deixar a definição da forma urbana nas mãos da especulação. Para o arquiteto, o Estado deveria atuar com mais energia sobre a estrutura de elementos primários. E, sustentado por leis ordenadoras, dar um relativo grau de autonomia à iniciativa privada, responsável pela construção das áreas residenciais.

Nestas áreas poderiam ser permitidas intervenções diferenciadas de porte, tamanho, tipologia. Segundo Silvio Abreu é desejável que isso ocorra, pois daí pode sair a negação da adoção de apenas um modelo para a área residencial brasileira.

A questão coloca outro problema: os diferentes ciclos de permanência e mudança dentro da cidade. "Enquanto a estrutura de elementos primários deve ter uma permanência maior, as áreas residenciais possuem ciclos de mudança muito maior e, eventualmente, são transformadas no espaço de uma geração", observa.

Do ponto de vista funcional, diz que o modelo hegemônico privilegiou a separação de funções dentro da cidade e ao lado do zoneamento estrito geraram deseconomia e perda da qualidade de vida. Na sua opinião, a maior parte das atividades humanas é passível de convivência amigável. "Nada prova que o zoneamento estrito de todas as atividades da cidade seja mais econômico, desejável ou funcional", corrobora Silvio Abreu.

“o difícil diálogo”

Nas críticas que desferir ao urbanismo moderno, Adilson Costa Macedo esclarece que o desejo de produzir melhor qualidade de vida através do método de destruir setores inteiros da cidade, para construir adequadamente, vem se caracterizando como método ultrapassado.



adilson costa macedo

BRASIL

Mas não resta dúvida que a adoção de princípios como este deixou marcas profundas nas cidades brasileiras e uma delas se traduz na difícil e dramática convivência entre tradição e inovação dos espaços. O problema central de configuração da cidade é a falta de diálogo entre os monumentos que referenciam e orientam a cidade e um tecido urbano que pressupõe certa homogeneidade e regularidade.

O diagnóstico do arquiteto Rômulo Krafta, presidente do IAB-RS, vai além: “temos uma tradição de pelo menos 50 anos de descontinuidade de controle urbanístico, projetos públicos e planos de governo”. Ao lembrar que as cidades são caracterizadas pelas superposições de códigos e linguagens diversas, Krafta entende que estas formas não estabelecem o mínimo diálogo entre si.

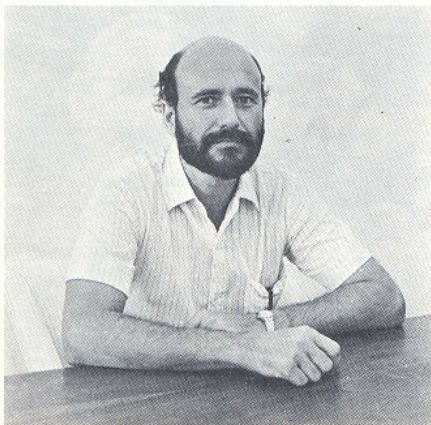
A desarmonia dessa convivência testemunha o desprezo dos arquitetos com a cidade preexistente. “Nos educaram no sentido de ter um ideal de cidade, mas nunca ter na cabeça a cidade real”, comenta Krafta. Para ele, tornar real a cidade imaginada pressupõe, conceitualmente, a destruição da cidade preexistente, a exemplo de Corbusier, com o plano Voicin.

No Brasil, essa visão se concretiza em duas situações distintas: uma, Brasília, a cidade ideal materializada. A outra, resulta na cidade meio moderna, ou seja, a cidade ideal implantada nos interstícios da tradicional, que teima em sobreviver.

Uma postura que determinou ainda um espaço público fragmentado e problemas de sintaxe urbana, relativa à internalidade do espaço arquitetônico e urbano. Segundo Krafta, são questões que começam a preocupar os profissionais, mais atentos com a relação entre espaços e até com o papel representado por certo edifício na estrutura da cidade.

Como o processo de renovação urbana se dá de maneira mais aleatória possível, Krafta propõe uma nova atitude, uma atuação por analogia. Através de sistemas que permitam inserir elementos que satisfaçam as demandas de nossa contemporaneidade mas que considerem as características particulares do lugar que vai abrigar o projeto.

Isso traduzido em termos de projeto de desenho, significa atentar para o contexto, a estrutura urbana, a edificação do lugar, os vizinhos. E implantar o ideal de projeto sem quebrar as pontes com o passado. Uma das contribuições dos ventos pós-modernistas, segundo ele, chega pela via da investigação histórica, com a preocupação de recuperar símbolos. Assim, ao reconsiderar o que já foi feito, devolvem à Arquitetura sua dimensão urbana.



rômulo krafta



intervenções discretas devem assegurar a continuidade do espaço público

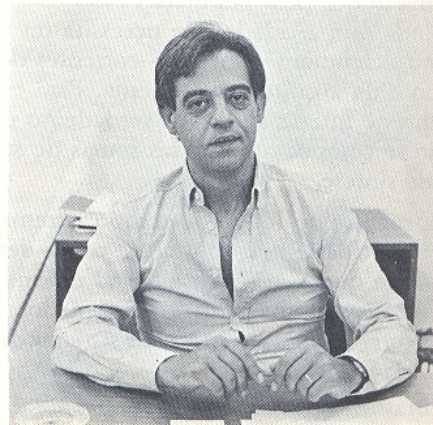
Entretanto, a falta de uma tradição urbana arraigada, leva Krafta a considerar que a missão presente e futura do arquiteto brasileiro é remendar cidades, a partir de regras próprias. Regras procedentes não só de critérios pessoais mas das situações contraditórias impostas pelo local onde se insere o projeto.

“limitado poder das formas”

Assumindo posição no debate, o arquiteto Carlos Eduardo Comas, coordenador do Propar-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, da UFRS, afirma que o avanço no tópico dos problemas da qualidade de vida, da casa e da cidade brasileira passa por algumas modificações contextuais. Mas vem também pela modificação do marco ideológico de operação técnica, em relação à casa, à cidade (ver página 64).

Marco no qual Brasília representou o emblema de desenvolvimento nacional. “Como aquelas formas eram modernas, correspondiam aos anseios e aspirações de um país que almejava se modernizar, parece que não percebemos que as formas possuem poder limitado em relação às mudanças sociais”, conclui.

E contestando os pressupostos da cidade funcional, o arquiteto desvenda os princípios de projeto embutidos nesse



carlos eduardo comas

“em busca do elo perdido”

Depois de investigar o interior da casa popular brasileira e comprovar sinais de segregação espacial nas moradias alteradas pelos moradores, o arquiteto Alfred Willer, professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, examina a articulação entre o espaço arquitetônico e o espaço urbano (ver página 67).

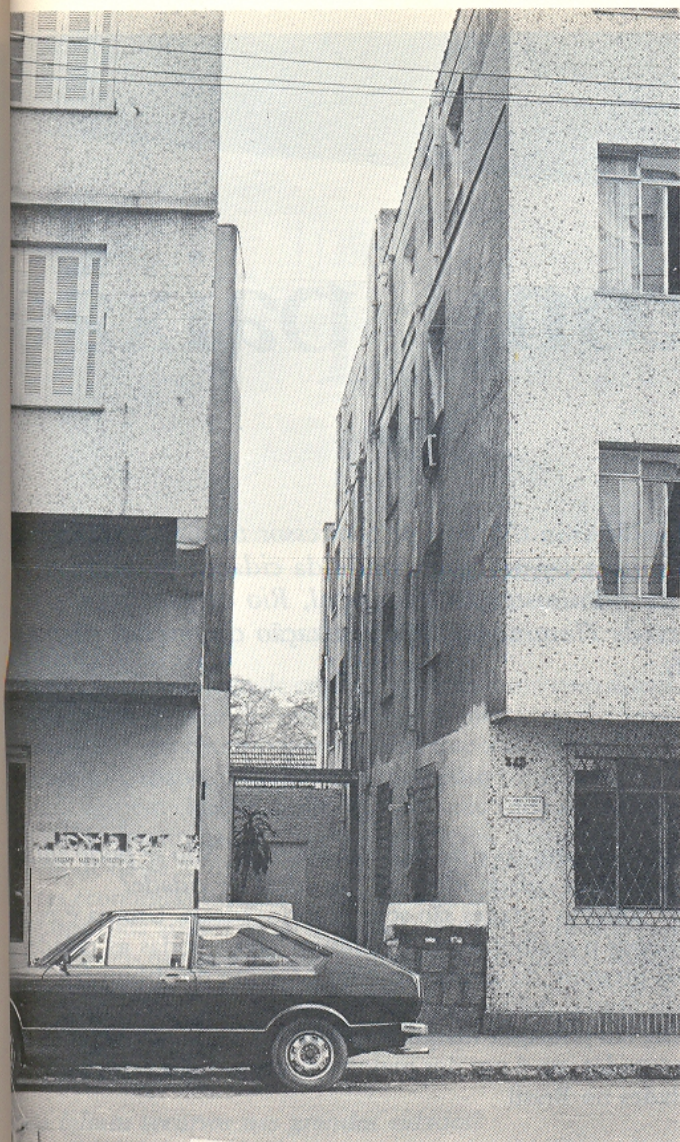
A pesquisa em Vila Oficinas, periferia leste de Curitiba, que motivou a tese *A Casa Popular Brasileira e suas Transformações*, exemplifica bem os conceitos do urbanismo moderno embutidos nos projetos urbanísticos dos conjuntos habitacionais, implantados no país. A proposta gerava o introvertimento das funções sociais e induzia a segregação do conjunto do resto do bairro.

As ruas sem saída pretendiam separar o habitante do visitante, criando um enclave que teria a menor participação possível com o entorno, observa Willer. Entretanto, para ele foi curioso notar as modificações introduzidas espontaneamente pelos moradores, corrigindo assim “essa tendência anti-social”.

Na rua que tangencia o conjunto, onde existem os pontos de ônibus, floresceu o comércio local, que “vende do tijolo ao leite”, permitindo uma maior integração do conjunto com os bairros vizinhos. Dessa forma, os moradores abandonaram o setor de lojas previsto no interior do conjunto e hoje apenas a escola e área de recreação continuam segregadas. A solução empírica encontrada pelos moradores rebate os princípios de um modelo teórico dissociado dos interesses da comunidade, sintetiza.

E vai mais além quando lembra que a casa pensada pela arquitetura contemporânea não só induz ao isolamento do indivíduo em relação à sociedade, como rompe um elo que existia entre espaço construído e espaço urbano. Por isso, Willer não hesita em creditar a essa separação a responsabilidade por um dos maiores problemas das metrópoles: a falta de segurança.

O melhor controle da rua não está nas mãos da polícia mas é feito pelo próprio morador, avisa. Quanto mais se injetar vida na rua menos assaltos o arquiteto espera ver. “Mas isso só funciona se conseguirmos estabelecer o maior número de vínculos entre os espaços urbano e habitado”. Aos projetistas do espaço público, adverte: se os parques são ideais para assaltos, o trombadinha é filho da própria superpopulação nas ruas, outro tipo de doença urbana.



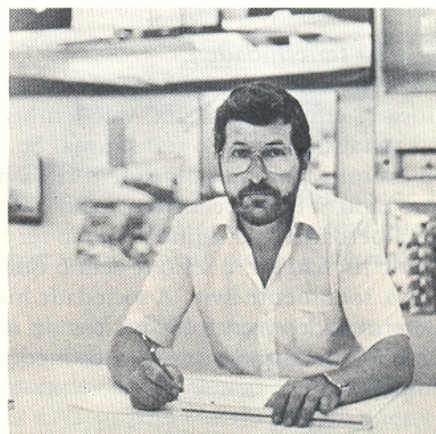
a estrutura de parcelamento do solo se opõe ao ideal moderno

modelo, que estimula a segregação espacial entre os diferentes usos de atividades e fluxos no território.

Para analisar um fragmento da cidade, os conjuntos habitacionais, Comas adverte que foram concebidos de acordo com o esquema indicado pelo urbanismo moderno. E na tentativa de redefinir o desenho do bairro brasileiro, conclui que não adianta pensar a habitação fora da escala urbana”. Convencido da inadequabilidade desses princípios que pretendeu se impor com a força de um dogma para as realizações urbanísticas, enfatiza que “o endosso do modelo nunca foi objeto de um debate racional mas sim de uma adesão emocional”.

Para observar a inoperância do modelo quando se defende a construção de uma cidade mais adequada às múltiplas formas de organização produtivas que coexistem hoje no Brasil, propõe um novo esquema de leitura do espaço urbano: a cidade figurativa. Idéia que tem um pé no passado, nas cidades tradicionais, mas que não significa a reprodução do que se fez antes.

Neste esquema, a justificativa última das formas e a caracterização básica dos componentes não são de natureza funcional mas morfológica. Com ele o bairro readquire sua dimensão multifuncional, implicando baixos níveis de segregação da população.



alfred willer